



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A PRINCEZINHA NAÍR

Por MARIA EMILIA PEDROSO

Desenhos de A. CASTANE



UM reino muito distante e já em tempos remotos, existiu um rei, chamado Adalberto, despota e cruel, que era temido por todos que o cercavam.

Uma ordem sua devia ser imediatamente cumprida; aquele que tivesse a ousadia de ir contra a sua vontade, já sabia que poucos momentos lhe restariam de

vida.

O monarca vivia num sumptuoso palácio, rodeado pelos seus numerosos súbditos.

A rainha, sua mulher, morrera ainda bastante nova, deixando uma filhinha de três anos, aproximadamente. Grande foi o desgosto que o rei sofreu com tal morte, e, desde então, tornou-se taciturno e melancólico, não recebendo ninguém, a não ser os seus ministros, por absoluta necessidade, a fim de tratarem de assuntos referentes à Nação. Jámais quiz vê-la filha e fez saber a toda a gente que não consentiria que nela se falasse daí por diante.

Um dia, um dos seus conselheiros ousou dizer-lhe:

—«Senhor, porque razão desprezais assim a princezinha? Ela é tão caridosa e sofre imenso por vós!...»

O rei, ficando deveras exaltado, ao falarem-lhe na filha, mandou prender o cortejo durante uma semana, como castigo do seu atrevimento.

...E para que Naír—(era este o nome da linda princesa)—fôsse esquecida, ordenou que a levassem para um castelo, bastante longe do povoado, no meio dum espesso mato.

mãezinha de quem apenas tinha uma vaga ideia, mas por quem sentia uma profunda saúde...

E, monologando, dizia:

«Oh se ela fôsse viva, eu não seria tão infeliz, estaria junto do meu povo, que tanto me estimava, respiraria outro ar, veria outras paisagens, outras terras que não fôsem



A máquina do tempo foi rolando e já a menina contava 18 anos—(18 anos lindos, encantadores... sim, porque a nossa princezinha era dotada duma invulgar formosura)—quando um acontecimento imprevisto veio quebrar a monotonia da sua vida triste e solitária.

Naír fôra encostar-se à janela do seu quartinho e, com a loura cabecinha levemente inclinada sobre a vidraça, pôs-se a pensar na sua desdita, no passado, na querida

este detestável mato, onde os próprios raios de sol mal podem penetrar. Ah, se não existisse Margarida, a minha fiel aia, que seria de mim, Deus meu?

E a princezinha chorava... chorava... entregue à sua dôr.

(Continua na página 4)

UM MENINO IMPRUDENTE

Por TOUTINEGRA

Desenhos de A. CASTANÊ

UM dia de inverno no verão! Chiquinho não se conformava!... Só há 15 dias saíra de Lisboa para ir gosar as férias no delicioso e agradável recinto que é a praia, com a sua areia doirada e limpinha, onde podia brincar á vontade, sem receio de se sujar; com seu mar, traquina como ele, no seu vai-vem constante, arrastando, nas ondas, conchinhas lindas, bichos e plantas marinhas, que ele ia buscar no seu carrinho de madeira, para enfeitar os jardins, prédios e mais caprichosas coisas, que todos os dias erguia na areia e que a maré, ao encher, fazia baquear.

Como ele gostava de estar na praia! Hoje, porém, não podia ser; a chuva não cessava e o céu estava imensamente feio nos seus tons plúmbeos e cinzentos; tudo parecia, a Chiquinho, triste e despido de encantos. Estava só na sala de jantar, com a janela aberta.

D. Eliza, sua mãe, um pouco adoentada, tinha ido deitar-se e Margarida, a velha criada, que tanto lhe queria, andava na cozinha tratando do jantar. Como Chico estava aborrecido! Quando estava em Lisboa conformava-se, fechado todo o dia no seu primeiro andar, porque sabia que tinha de ser, mas, ali, habituado a passar todo o dia ao ar livre!!... Que arrelia!

Chegou-se á janela. Na rua passava o Joaquim, o filho mais novo do seu banheiro, levando uma rede com mariscos e alguns caranguejos, ainda vivos, que deligenciavam sair. Chiquinho chamou-o e indagou de onde vinha. O Joaquim vinha da praia, a maré estivera vasia e ele andara, de rochedo em rochedo, apanhando mariscos para ir vender.

—E não tiveste medo de te molhares?! Não te faz mal?

—Não; (respondeu o Joaquim), pois quando tomo banho, não me molho também? E, dizendo isto, seguiu assobiando.

A chuva continuava a cair. Chico abriu a porta

da rua e encostou-se a ela, pensativo: — Realmente dava razão ao Joaquim. Ele quando tomava banho também se molhava sem que lhe fizesse mal e logo uma feia idéa ocorreu ao seu espírito: — Sair sem dizer nada em casa e, embora por pouco tempo, ver o mar, a praia, tudo o que fazia suspirar!

Irreflectidamente vestiu o sobretudo, pôs o boné e saiu, exposto á chuva, a caminho da praia.



A maré estava vasia e os rochedos todos a descoberto. Chiquinho dirigiu-se para eles. A praia estava quasi deserta. Só, lá mesmo ao fim, um homem pescava á cana. Subiu um rochedo. Que quantidade de mexilhões, de lapas; etc., ali havia! Começou, atentamente, a desprendê-los das rochas, o que era empreza difficil. Entretanto, a maré subia e Chico, sem o notar, ia ficando isolado da praia e em grande perigo, pois, mais uma hora, e os rochedos ficariam todos submersos. Já tinha os bolsos quasi cheios de marisco e, radiante, preparava-se para retirar mas... como?! O rochedo era agora uma pequena ilha! Para

passar á praia seria necessário deitar-se á agua. E ele tinha medo de o fazer, pois não sabia nadar.

As consequências da sua imprudente aventura surgiam-lhe agora, terríveis, aterradoras. Como estaria a mãe, já tão tarde, sem saber dele?! Como ver-se livre de tão horrível situação? Lembrou-se de chamar o homem que vira pescando ao fundo da praia. mas... oh! fatalidade! ele já lá não estava! Chiquinho encontrava-se completamente só, impossibilitado de sair dali e, parece que de propósito, a chuva redobrou de intensidade, formando uma espécie de nevoeiro que não lhe permitia distinguir a mais do que 2 ou 3 metros em redor.

A maré ia subindo, subindo. Chiquinho, exausto, cessara já de chorar e, sentado no mais alto do rochedo, implorava a providência divina.

Nem já sabia há quanto tempo estava assim, pois que os minutos lhe pareciam horas. A chuva con-



tinuava a cair. Daí a bocado pareceu-lhe ouvir chamar pelo seu nome. Levantou-se, apurou o ouvido... não se enganára; era a voz da mãe que, entre soluços, chamava o filho querido. Tudo sorriu a Chico e, fazendo das mãos porta voz, gritou: — Mãezinha, estou aqui, salva-me!

A mãe já o vira, e, correndo como louca, queria deitar-se á água, o que outras pessoas impediam. Entretanto, um banheiro, nadando, alcançou o rochedo e trouxe Chiquinho para terra.

Ao abraçar a mãe, que desmaiara, desmaiou também de cansaço e comoção.

Haviam ido a tempo; mais um quarto de hora e os rochedos desapareceram. Só passado um mês, Chiquinho e a mãe estavam completamente restabelecidos daquele grande susto. Quando, debaixo dum céu azul, contemplaram de novo aquele mar tão lindo, mas tão cheio de perigos, abraçaram-se fortemente e Chico prometeu que nunca mais seria irreflectido e imprudente.

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

BREVEMENTE:

O SONHO DE TITÓ

PEÇA INFANTIL EM VERSO, NUM ANTE-PROLOGO, PROLOGO E UM ACTO

ORIGINAL DE AUGUSTO DE SANTA RITA

A MARUJINHA

GRANDE NOVELA INFANTIL POR A. de SANTA-RITA

NOVA SÉRIE DO **PIM-PAM-PUM**

REMODELAÇÃO DE TODAS AS SECÇÕES PELO INÍCIO DO SEU SETIMO ANO DE EXISTÊNCIA

A PRINCEZINHA NAÍR (Continuado da página 1)

Súbito um tiro fê-la despertar.

«Que será?» perguntou a si própria.

E com todo o cuidado, muito de mansinho, para que não a presentissem, abriu a janela. Porém, toda a cautela foi inútil e Naír reconheceu que havia sido descoberta.

Junto ao muro, que rodeava o Castelo, estava um simpá-



tico rapaz que, provavelmente, aí teria vindo em busca de caça.

Ao ver a menina saíu-a, pedindo-lhe mil desculpas pelo susto que, involuntariamente, lhe causara.

Logo entre os dois jovens se estabeleceu uma longa conversação, em que a nossa princezinha disse quem era e contou porque se encontrava em paragens tão desertas.

Por sua vez o galante mancebo apresentou-se, dizendo ser o príncipe Maurício, herdeiro do reino vizinho.

Ao despedir-se jurou a Naír dar-lhe a liberdade, tirando-a daquele cativoiro.

E, doravante, raro era o dia em que o jovem Maurício não ia falar à encantadora princezinha, levando umas vezes a esperança, outras o desespero, a um coração, que então despertava para a vida.

O príncipe, no dia imediato à linda aparição que tivera e pela qual se sentia loucamente apaixonado, fez anunciar a sua próxima visita ao reino de Adalberto.

Depois de lhe terem sido prestadas as devidas honras, com que foi recebido, disse que tinha necessidade absoluta de falar ao rei; ao que lhe responderam ser completamente impossível, porque sua magestade não costumava receber fôsse quem fôsse. Porém, o príncipe instou, alegando que era um assunto de máxima importância que ali o havia trazido, o qual só poderia ser comunicado ao próprio monarca.

— Então Adalberto, bem contra a sua vontade, recebeu-o; — pois que fazer? O rei vizinho era bem mais poderoso...

Uma vez em presença do pai da princezinha, o simpático Maurício pediu a liberdade para a formosa Naír; mas o rei recusou, dizendo simplesmente:

«Não»; depois acrescentando: «E porque sabeis príncipe, que palavra de rei não volta atrás, creio bem que será escusado insistirdes.»

O jovem retirou-se vencido, mas não convencido.

No dia seguinte recebeu o monarca uma carta, onde se lia apenas:

«Cuidado, Senhor! Talvez ainda que vos arrependais, porque o príncipe Maurício não é daqueles a quem sómente as palavras dum tirano possam vencer.»

Os conselheiros, ao terem conhecimento do que se passava, assustados, fizeram ver ao rei que, se o príncipe pegasse em armas contra o reino, seria uma desgraça, perderiam de certeza, porque o exército vizinho era muito mais valente e numeroso.

Adalberto, orgulhoso em extremo, sofria imenso com a ideia de poder um dia tornar-se prisioneiro e vassalo de outro rei.

E, após uma noite de insónia, deu ordem para que mandassem chamar o príncipe, falando-lhe assim:

«Alteza, reconsiderarei na minha resposta insensata, mas como não quero voltar com a minha palavra atrás, sem que um sacrifício vosso isso justifique, digo-vos o seguinte: darei a liberdade a minha filha, logo que me entregardes um anel que eu perdi quando da minha visita ao rei Sebastião.»

Esse anel sei que se encontra no último andar da Torre da Morte; sabeí, porém, que, para o alcançardes, tereis de sofrer muito.»

E o príncipe apenas respondeu: «Pela felicidade de Naír darei a própria vida.»

E' triste a despedida de dois entes que se estimam; e bem doloroso foi, pois, esse momento de separação entre a princezinha e o seu bondoso salvador.

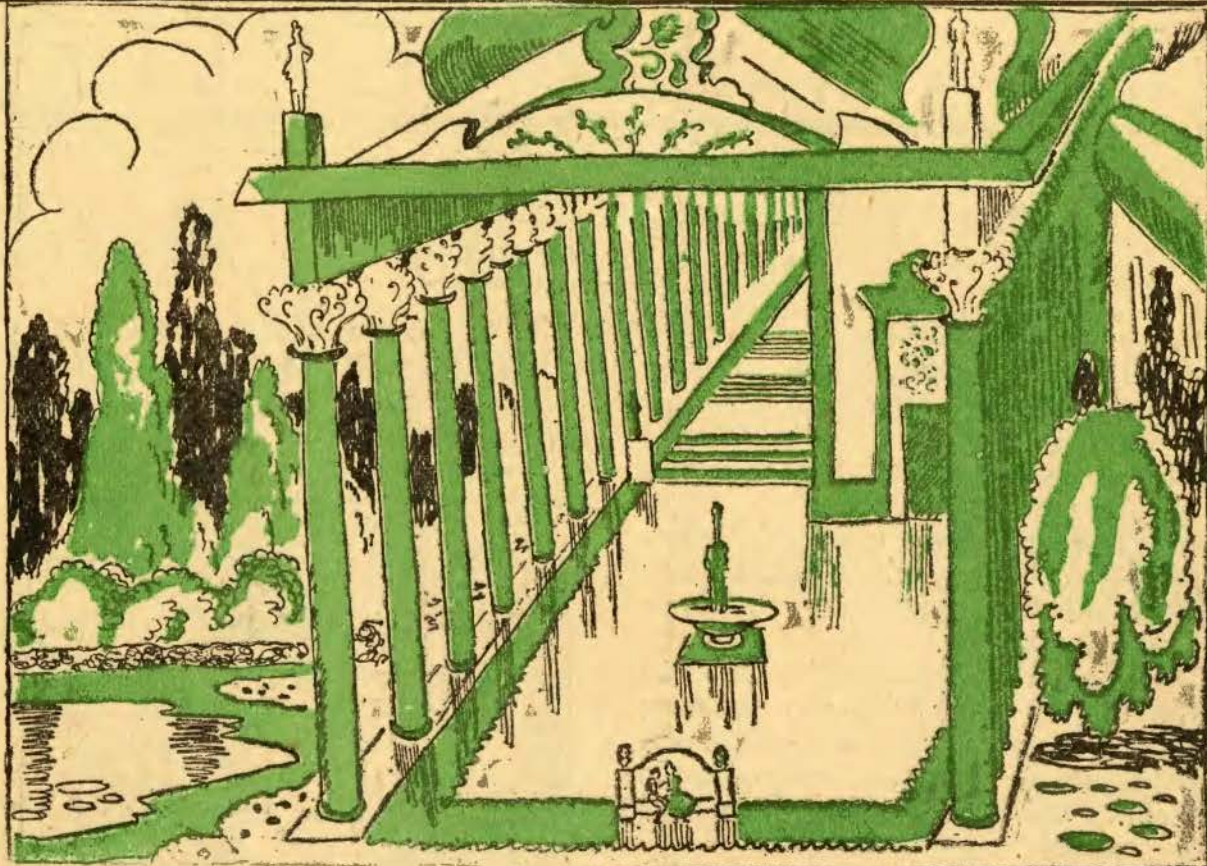
A Torre da Morte distava duas léguas do reino de Adalberto. Era grande, extremamente grande, e medonha com os seus sete andares pintados de preto.

No último destacava-se uma caveira horripilante, simbolizando a sorte que teria todo aquele que, pela sua audácia, experimentasse transpôr o alto muro que rodeava a Torre da Morte.



Já a caminho, o príncipe encontrou uma velhinha que lhe falou da seguinte maneira:

«Príncipe Maurício, talvez que não calcules como é gran-



de o perigo a que te expões e por isso te diriges tão destemido para a Torre da Morte. Como és bom e corajoso, e sei qual o teu louvável fim, prometo ajudar-te naquilo que puder.»

Depois, ante o príncipe pasmado, continuou:

«No primeiro andar da Torre da Morte está um enorme leão; na sua bôca encontrarás a chave com a qual deverás abrir o cofre onde está guardado o anel do rei Adalberto. Espera que o animal tenha os olhos abertos, porque estará dormindo e, só então, poderás tirar-lhe a chavezinha.

Nos dois andares seguintes está na tua mão o resistires às numerosas torturas. Sómente te previno; nunca pares, nem olhes para trás.

No quarto andar hás-de ver uma linda mulher que, certamente, pedir-te-há socorro; não lhe acudas; é a fada da maldição que, depois, denunciar-te-ia.

No quinto, terás de lutar com um enorme e horroroso dragão. Se ficares vencedor, vai a um pequeno armário, situado ao-fundo; abre-o e verás um frasco contendo um líquido esverdeado, que há-de ser bebido pelo gigante do sexto andar. Ele costuma dormir de bôca aberta, deita-lhe dentro o conteúdo do frasco sem que êle dê por coisa alguma.

Emfim, no sétimo andar, estarão três velhos, jogando as cartas. Terás de passar para a sala contígua sem fazeres ruído algum. Se êles te presentissem, levar-te-iam para a sala das torturas, onde terias de confessar o motivo da tua presença ali.

Depois, como castigo da tua temeridade, matar-te-iam e a princezinha seria encantada por toda a vida.»

Ditas estas últimas palavras, a velha desapareceu como por encanto, deixando o príncipe Maurício verdadeiramente aterrado; contudo, como era corajoso e desejava, ardentemente, tornar feliz Naír, continuou o seu caminho.

No primeiro andar tudo correu às mil maravilhas. O leão dormia, isto é, tinha os olhos abertos, e com relativa facilidade o príncipe se apoderou da chave.

No segundo e terceiro, Maurício sofreu horrivelmente; muitos diabinhos, uns pretos, outros encarnados, soltando gritos estridentes, puxavam-lhe o cabelo, queimaram-no com ferros em brasa, etc., porém, a todas as torturas o mancobebo resistiu heroicamente.

No quarto andar quasi fraquejou. Quê, uma menina tão linda, seria, realmente, a fada da maldição?! Talvez a velhinha se enganasse... mas, nisto, apareceu-lhe, como num sonho, a imagem da princezinha amada. Então disse para consigo: «Não, ela acima de tudo», e continuou a subida para o andar superior.

Aí teve uma luta pavorosa, horrível, desigual, mas reagiu e venceu!

No sexto andar não houve novidade de maior com o monstruoso gigante.

Agora só faltava o último.

O príncipe sentia-se extenuado, faltava-lhe a força; se não fosse o grande amor que dedicava a Naír, há muito já teria sucumbido.

No sétimo andar lá foi encontrar os três velhos jogando...

«Como chegar à outra sala; como passar sem ser visto?» perguntava a si próprio Maurício.

Então, súbitamente, teve uma ideia:

Deitou-se ao comprido no chão e, a pouco e pouco, muito levemente, sem tocar em nenhum móvel, foi passando...

Oh que horribéis momentos! Ali, sim, sentia medo; não por si, mas pela gentil Naír, porque agora também a vida da princezinha corria perigo. Mas, por fim, conseguiu passar.

Uma vez nesta sala procurou, sôfregamente, o cofre e, abrindo-o, tirou de dentro o riquíssimo anel do rei Adalberto.

Súbito, um estrondo enorme se fez ouvir e o príncipe achou-se, como por encanto, num magnífico palácio, rodeado de lindíssimos jardins, onde havia as mais bonitas e extravagantes flores.

Pasmado, Maurício não sabia a que atribuir aquele fenómeno, mas eis senão quando uma voz lhe diz:

«Tudo isto te pertence! Fôste tu quem desencantou este reino há muito povoado pelos espíritos malignos, arriscando, tão valentemente, a tua vida. Agora sê feliz, que bem o mereces.»

O príncipe nem queria acreditar em tanta ventura, correndo, imediatamente, a abraçar a sua querida princezinha, com quem casou passados dias.

Os felizes noivos foram habitar o magnífico palácio, onde outróra havia sido a Torre da Morte.

Viveram largos anos, sempre amados pelo seu povo, porque eram bons e generosos.

EDITH E NELITA

Por ACILEGRA

Desenhos de CASTANE

O que vos vou contar, amiguinhos, é apenas uma história verdadeira. Trata-se duma garotinha de cinco anos, um verdadeiro diabrête.

Uma tarde, foi passear, com sua irmã mais velha, para um jardim.

Era uma tarde linda, uma tarde de primavera, em que as andorinhas faziam ouvir o seu chilrear lêdo e encantador, através da folhagem das árvores.

Que alegria a dos passarinhos!... Vão buscar longe o que próximo não possuem; vão buscar a alegria dos seus filhinhos, uma peninha para o seu ninho, um miolito de pão para o seu sustento, uma gota de água para a sua sede.

Nelita — (assim se chamava a garotinha) — obrigou sua irmã a sentar-se, contra a sua vontade que era ir correr, livremente,



atrás das borboletas, que poisavam sôbre as flores.

—«Olha, Nelita, vem primeiro dar a tua lição para, quando voltarmos a casa, o papá ficar satisfeito de tu já a saberes».

Nelita, numa atitude travêssa, colocando as mãos atrás das costas, afastou as pernas e, olhando bem de frente Edith, sua irmã mais velha, disse:

—«Ora... deixa-me ir brincar!...»



—«Não; — (tornou a irmã) — a menina vem ler primeiro; vamos: — que letra é esta? Se não disser... a menina é feia!»

Vendo que a conversa levava rumo diferente, Nelita sorriu-se para a irmã, retorquindo-lhe, enquanto a beijava:

—«Tu, hoje, ainda não fizeste os caracóis?!...»

Foi assim que suspendeu a leitura. Edith, deixou-a ir brincar; mas, antes, ainda lhe perguntou:

—«Dize-me, ao menos; um *d* e um *a* como faz?»

Ao ouvir isto, Nelita começou a correr; mas, voltando-se depois, zombeteira, para a irmã, exclamou alto, bem alto, para que Edith ouvisse bem:

—«Não faz na...a...a...da!...»

... E continuou correndo ...

A ORFÃ PALHACITA

Por JOSE R. CERCAS JUNIOR

Desenho de A. CASTAÑÉ

DE vestes brancas.—um lírio,
com adornos scintilantes,
— (olhada,
quási julgada,
por todos os circunstantes,
um anjo, que do Empíreo
á Terra descesse então) —
a palhacita formosa,
representava,
cantava,
jubilosa,
esta canção:

—«*Que o meu fado,
desgraçado,
não entristeça ninguém!
Sou novinha, muito embora;
o meu coração não chora,
apesar-de não ter Mãe!*

*Quem sua sorte maldiz,
a sorte que Deus lhe deu,
não poderá ser feliz
e nunca entrará no céu!»*

—¿*Que alegria
sentiria,
em seu tenro coração,
sempre a cantar
ao luar
daquela noite tão fria,
a orfãzinha sem pão,
se o público espectador
a socorrê-la acudisse,
quando a ouvisse,
na dôr,
expandindo as amarguras
da sua negra orfandade?!
E, por suma caridade,
lhe tornasse menos duras
as misérias do porvir?!*

*Ah! Sua débil vózita,
de ávesita
sem ter lar,
não soltaria a sorrir!*

.....
Soltá-la-ia a chorar!...



F I M